

DAMO/HIDASI NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: MEMÓRIA, NARRATIVA, TRAUMA

DAMO/HIDASI IN THE SECOND WORLD WAR: MEMORY, RELATE, TRAUMA

Maria Aparecida Gonçalves Pereira Oliveira¹

Resumo: O objetivo desse artigo é discutir a memória traumática de protagonistas da Segunda Guerra Mundial, o Sr. Bartolo Damo (In memoriam), Palmelo, e o Sr. José Hidasi, Goiânia. Visando compreender a memória através dos fatos narrados por eles, sobre a participação no conflito, ou seja, Segunda Guerra Mundial, a memória, a narrativa, os traumas, os silêncios, os esquecimentos, recorrentes desse fato histórico (1939-1945), cujo suporte são as narrativas dos mesmos. Em relação a memória, discutiremos como essa influencia o cotidiano dos sobreviventes, e os meios utilizados por eles, para justificar a participação no conflito. O Sr. Damo, prisioneiro dos nazistas e o Sr. José Hidasi, prisioneiro dos russos.

Compreender através de seus relatos orais, que vem carregados de silêncio, desvio de assunto. Nota-se que suas vidas são marcadas pela tragédia da Guerra, analisando que passado/presente se relacionam em suas lembranças, influenciando o dia a dia do Sr. Damo e do Sr. Hidasi. Observa-se que o Sr. Damo, se emociona muito ao narrar, e vive sempre em estado de tensão, de alerta, enquanto o Sr. Hidasi, narra sem

transparecer muita emoção, mas que há traumas recorrentes, pois em sua residência, podemos encontrar comida, ao longo de sua residência, guarda alguns alimentos, como iogurtes, refrigerantes, biscoitos, etc. Para eles a Guerra não acabou, que pode precisar desses alimentos.

Palavras-Chave: Memória; Narrativa; Segunda Guerra Mundial; Trauma.

Abstract: The objective this article is to discuss the traumatic memory of the protagonist of the Second World War, the Mr. Bartolo Damo (in memoriam) and the Mr. José Hidase, Goiânia. Aiming to understand trough the memory of the narrated facts for them, about the participation in the conflict, in other words, Second World War, the memory, the narrative, the trauma, the silences, the forgetfulnesses, recurrent this historic fact (1939-1945), whose stand is the narrative of both. In relation the memory, we will be discussing how this influence the daily of the survivors, and understand what's speeches are prisoners

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Goiás, Brasil.

during the conflict. The Mr. Damo, prisoners of Nazis and Mr. José Hidasi, prisoners of the Russians.

To understand through of your oral reports, that come loaded of silences, diversion matters. It is noticed that your visions are marked by tragedy of the War, analyzing that past/present if relate in your remembrances, influencing the day the day of the Mr. Damo and of Mr. Hidasi. Is observed that the Mr. Damo, if very emotional to recount, and lives always in tension state, of alert, while the Mr. Hidasi, relate without transpire very emotional, but that recorrently traumas, because in your residence, can to find food, along how yogurt, soda, cookies, etc. For him the War don't finished, that can to need theses foods.

Keywords: Memory; Relate; Second World War; Trauma.

1 – INTRODUÇÃO

O intuito desse artigo é discutir a memória de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e compreender como suas lembranças sobre esse fato, marcaram suas vidas, influenciando o dia a dia, dos mesmos.

Os seres humanos possuem a capacidade de preservar na memória, o seu passado. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. (LE GOFF, 2003, p. 366).

O homem deixou marcas de sua presença, ao aprender a desenhar, esculpir, construir, sendo meios encontrados de conservar sua trajetória. Com o surgimento da escrita, preservar a memória se tornou mais fácil, a partir daí o homem vem produzindo meios de preservar as lembranças, desde a narrativa, que continua presente, até a memória “eletrônica”, amplamente utilizada nos dias atuais. Assim descreve Jacques Le Goff em História e memória que

Atualmente existem várias áreas dedicadas ao estudo da memória, à história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer "Eu vi, senti". Este aspecto da história-relato, da história testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica”. (LE GOFF, 2003, p. 05)

Apesar dessa tecnologia, sendo vários meios de preservar a memória, a narrativa ainda continua presente através da “História que só pode ser verdadeira narração e verdadeiro advir se nossos atos e palavras forem penetrados pela finitude e pelo deperecimento, portanto preciosamente únicos, insubstituíveis, atuais, sem o consolo da imortalidade” (GAGNEBIN, 2007, p. 94).

Ecléa Bosi (2004) em Memória e sociedade: lembranças de velho, declara que a arte de contar histórias, surgiu da necessidade de trocar experiências, e que o narrador ao contar suas experiências “volta ao passado”. Acreditamos que tanto pode haver lembranças boas ou ruins, podendo “acrescentar” algo que não ocorreu de fato, optar pelo “silêncio”, ou ainda haver os “esquecimentos” daquilo que não podem ou não querem narrar, por motivos vários e que

“(...) um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação” (POLLAK, 1989, p. 13). Observa-se a complexidade ao trabalhar com história oral. Para Thompson (2003) é um instrumento de transformação do conteúdo e da finalidade da história, surgindo assim novos campos de pesquisa valorizando as experiências de vida de pessoas e de grupos, que possuem história de vida semelhante.

Nesse sentido Robert Frank (1999) declara que nos esquecimentos, pode haver necessidade de ocultar ou simplesmente há o recalque no inconsciente e “(...) cabe ao historiador construir esse trabalho da memória da testemunha. (FRANK, 1999, p. 113) Para Maurice Halbwachs (2006), em *A memória coletiva*, o pensamento é contínuo, e que o indivíduo é capaz de reconstruir suas lembranças com ajuda de dados emprestados pelo presente, daí serem coletivas, de forma que cada memória individual, é um ponto de vista da memória coletiva. Para tanto “Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Ao fazer uso da memória, como objeto de pesquisa, valoriza-se a tradição oral, preservação da memória, a experiência humana, e consequentemente a narrativa, privilegiando “(...) a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a

importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’”. (POLLAK, 1989, p. 04). Essa nova tendência, de acordo com Pollak, privilegiou grupos que eram excluídos das pesquisas valorizando a elite. Daí a importância de dar “voz” a esses sujeitos, tão necessários quanto a história oficial, para enriquecer as pesquisas, e também para que sejam ouvidos por outros grupos e comunidades (PORTELLI, 1997).

Nesse caso, iremos discutir as memórias de senhores protagonistas da Segunda Guerra Mundial, Bortolo Damo (In memorian) e José Hidasí, 90 anos, Goiânia. Ambos afirmam terem sido prisioneiros nesse conflito. O Sr. Damo prisioneiro dos nazistas cuja função era carregar caixa de munição na linha de frente, o Sr. José Hidasí, foi designado para treinar paraquedistas, não lutou, somente treinou, mas nos disse que era prisioneiro dos russos. Mas, de acordo com ele, no momento em que iria para o campo de batalha, “falaram, acabou a guerra [...] pega as roupas comum, e se vira” (HIDASÍ, outubro, 2014). Nota-se que ambos afirmam a privação de liberdade, mas com comportamentos antagônicos, enquanto o Sr. Damo se emociona ao narrar, o Sr. José Hidasí, narra tranquilamente, sem demonstrar que há traumas recorrente de seu passado histórico.

2 – BREVE APRESENTAÇÃO DOS SOBREVIVENTES, SUAS MEMÓRIAS E NARRATIVAS

Faremos uma breve apresentação desses sobreviventes, percebe-se que suas narrativas, são carregadas de emoção e também de silêncios, “mudanças de assunto”, como meio de fuga nas narrações comprometedoras ou mesmo lembranças dolorosas. Iniciaremos com o Senhor Bortolo Damo (2006/2009) e sua preocupação com o esquecimento, e só fala sobre sua participação na Guerra, na presença de sua esposa dona Vânia Arantes Damo (2006/2009/2010) o senhor Damo, justifica “Tem muita coisa que a gente esquece né, tem muito tempo né, do 1940 até hoje né, eu lembro fato, a gente emociona e non dá conta de contar (choro). É porque eu soffro muito, com a Vânia por perto eu consigo falar” (DAMO, Palmelo, 2006). Nelly Richard (1999), afirma que “o sujeito sofre com as lembranças que os torturavam no passado” (RICHARD, 1999, p. 99). Aqui devido à complexidade desse passado narrado pelo Sr. Damo, precisa da presença de sua esposa, pois sem a mesma não consegui falar sobre.

Mas, os traumas do conflito e a mediunidade o atormentavam muito. Através de Chico Xavier, foi designado a residir em Palmelo, que seria então seu local de trabalho até sua “desencarnação” em 2009, quando discutíamos sua biografia na Especialização.

O senhor Damo é de origem italiana, erradicado no Brasil, em 1950, nascido aos 26 de janeiro de 1926, na Vila Nova Mimosa, estado de Trínisio, Itália. Suas memórias foram discutidas por mim, na Graduação (UEG - Pires do Rio), juntamente com outros sobreviventes, cujo tema Lembranças da Segunda Guerra Mundial: medo e

tensão vividos por sobreviventes, e na Especialização (UFG – Catalão), com temática Memórias de um italiano que sobreviveu ao nazi fascismo.

O senhor Damo, segundo sua esposa dona Vânia, desde a infância, carregava consigo a mediunidade, pois ouvia vozes, conversava com espíritos. Vivendo com sua família, em uma pequena vila italiana, mas ligados ao meio rural. Foi conduzido ao exército alemão, por volta de 1940, quando se encontrava em sua residência, a tardezinha, "Se você determinasse de ir, sim, se non fosse, o chicote deles cumia, cê apanhava e tinha que ir corendo ainda" (DAMO, julho, 2006), ficando até o final do conflito quando foi libertado pelo exército dos Estados Unidos. Com o fim da Guerra, fugiu para o Brasil. Questionei porque precisou fugir. Justifica:

“Porque eu estava na Guerra destrui muita coisa [...] para cada rapaiz tinha 30 mulheres, [...] enton o governo tentou, brecou de todas as formas a saída do ser humano homem, uma causa justa né? Se saísse todo mundo, lá non sobrava ninguém para trabalhar, para produzir, para produzir para o povo.” (PALMELO, julho, 2006).

O que se percebe em seus relatos e de dona Vânia, que sua vida era marcada pela memória traumática. Dona Vânia complementa “Ele toma remédio pra durmi, pela própria ansiedade que vive, medo de durmi, que alguém vai entrá em casa, é uma expectativa. Escuta um barulho tem

proporção grande, acha que tá querendo, que tem alguém entrando em casa” (VÂNIA, Palmelo, 2006).

O que se observa nesses relatos, que o senhor Damo ainda possui, como disse dona Vânia, a chamada “neurose da guerra”, que o atormentava e faz com que fique sempre em estado de tensão, com medo de que algo de ruim possa acontecer, ou que a guerra possa não ter acabado, para ele. Para Michael Pollak (1989) o nazismo foi um dos períodos históricos mais estudados e que:

“No momento do retorno do reprimido, não é autor do “crime” (a Alemanha) que ocupa o primeiro lugar entre os acusados mas aqueles que [...] recrutados à força são zelosamente guardados em estruturas de comunicação informais e passam despercebidos pela sociedade globalizante. “ (POLLAK, 1989, p. 08)

Isso despertou atenção em seu Damo, pois disse que nunca alguém fez um trabalho desses “Moro aqui tanto tempo e nunca fui chamado pra fazer um trabalho como esse” (DAMO, Palmelo, 2006).

O outro protagonista é José Hidasi, nascido aos 09 de maio de 1926 em Makó – Hungria. Sua participação se deu pelo fato dele ser um desportista, que praticava argola, daí foi chamado para ser treinador de paraquedismo. Não narra como tornou prisioneiro do russos.

Veio ao Brasil, após o conflito, em 1950, chegando à Goiânia, em 1954. Segundo o senhor José Hidasi,

desde criança tinha o sonho de conhecer o “paraíso”, como seu pai descrevia o Brasil, “lugar onde as aves falam”. Sempre estudou com o objetivo de vir para nosso país, para tanto precisava tirar boas notas. E decidi fazer Ciências Naturais, sonho que foi interrompido com a convocação para participar da guerra, e seu curso vai ser finalizado, na França, com o término do conflito. Dedicou toda uma vida em prol da avifauna brasileira. É fundador e presidente do Museu da Biodiversidade em Goiânia.

Diferentemente do senhor Damo, que precisa falar “para acalmar o estado de tenson, que tenho aqui dentro”. (DAMO, julho, 2006), o senhor José Hidasi narra pouco sobre sua participação no conflito; desvia o foco, buscando relatar sobre seu trabalho, a paixão pelos animais e de sua importância na preservação das espécies. Isso se deve segundo Pollak, “as razões de um tal silêncio são compreensíveis no caso de antigos nazistas ou de milhões de simpatizantes do regime, elas são difíceis de deslindar no caso das vítimas”. (POLLAK, 1989, p. 06). Isso ocorre, acreditamos, pela sua participação colaborando diretamente com os russos, e para Pollak (1989) as razões dessa lembrança comprometedoras, prefere guardar silêncio “Em lugar de arriscar a um mal-entendido sobre questão grave ou até mesmo de reforçar a consciência tranquila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos não seria melhor abster de falar?” (POLLAK, 1989, p. 06).

O senhor José Hidasi (2014) informou que possuía um grupo ao qual era comandante. Observa-se que possuía um certo prestígio, junto ao exército russo. O que o

impede de falar? Suas lembranças são comprometedoras? O que não pode ser dito? Jeanne Marie Gagnebin, *História e Narração em Walter Benjamin* (2007), que esse silêncio:

“(…) é aquilo que nunca conseguiremos realmente dizer se por isso mesmo, aquilo que nos proíbe, de nos calarmos e de nos esquecermos. Há [...] à imperiosa necessidade de lutar contra o esquecimento pelo trabalho da rememoração ou de testemunho e, ao mesmo tempo, à impossibilidade de encontrar as palavras que digam o horror sem nome, em particular à impossibilidade de dar suas razões e de formular explicações adequadas a seu respeito.” (GAGNEBIN, 2007, p. 107).

Outras contradições aparecem em seus relatos, como a seguir ao chegar à Áustria “sô refugiado, que non era inimigo, enton fiquei doido, andava como um doente mental”. (HIDASI, outubro, 2014). Indago o senhor José Hidasi porque saiu de país “[...] porque ia descobri, aquele ali era soldado, contra a Rússia, enton matava, estava forçado contra a Rússia, como se fosse um escravo [...] Pode considerá aliado do russos, se non fosse aliado, já estaria morto”. (HIDASI, outubro, 2014)

Esse discurso do testemunho leva-nos a refletir, sobre a história oral, através dos relatos que veem carregados de subjetividade, apresentando suas versões sobre o passado histórico e seus embates, ao qual está inserido e cabe ao historiador tentar compreender como o discurso do mesmo muitas vezes chega carregado de afetividade e mesmo de

contradições “Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando ou reinterpretando o passado” (POLLAK, 1989, p. 08) Essas memórias não estão presentes em livros didáticos, ou em outros documentos oficiais. Isso não prejudica em nada os estudos do tema, pois “elas coincidem amplamente com aquilo que foi narrado pelas vítimas; muito raramente são contestadas _ passaram em julgado e já fazem parte da História. ” (LEVI, 1990, p. 10)

Ao serem questionados quais fatos ficaram gravados em sua memória, ou seja, aquele que mais o remete em suas lembranças, percebe-se que foram fatos extremos de grande crueldade entre seres humanos, como veremos a seguir. Começaremos pelo senhor Bortolo Damo

“Foram dois: um nós chegamo perto de um prédio [...] tinha cheiro de carniça, foi quando que os americanos entraram, eu estava junto com eles, abriram tava cheio, tudo de rapaiz novo enforcado assim (mostrou como se dois ganchos os prendessem pelos olhos) tudo assim suspenso. (chorou) E o segundo foi 22 de novembro de 1944 [...] quando escureceu o céu de tanto avion americano que tava, foi quando que fui ferido, ainda tenho uma bala alojada no ombro e três projétil na perna, foi aí que a Cruz Vermelha me socoreu. ” (PALMELO, 2006).

O Sr. José Hidasi, narra uma cidade que foi invadida pelos russos, mas não soube especificar qual cidade seria, mas relata o horror com que ocorreu tal fato, não demonstrando muita emoção a narrativa:

“Os paraquedistas chegaram primeiro, e começaram a atirar, cidade no território húngaro, o povo era fraco, as mulheres especialmente. Ficaram nesses subterrâneos, na escola, lá era subterrâneo, ficaram quetinhas. Fecharam as portas. Mas os russos reconheceram, os russo olho, onde eston as mulheres? (Repetiu três vezes a palavra “mulheres” em russo) Quando alguém disse non sabe onde eston ... uns deram cacetadas nele, um mataram ele, estavam bebendo pinga. Enton, estupraram meninas de 10 anos, 11 anos, mulheres de 50, 80, era tudo uma bagunça. Quando terminô tudo isso ... acabaram com todos os húngaros.” (GOIÂNIA, 2014)

Segundo o Sr. José Hidasi, eram fornecidas a cada soldado meio litro de bebidas alcoólicas “pra perder a noçon, pra ganha coragem” (HIDASI, outubro, 2014). Em momento algum relata como foi sua participação nesse fato já que “O risco aí consiste na transfiguração desse desapossamento de si mesmo numa espécie de devaneio complacente e infinito do qual o sujeito não mais quer emergir” (GAGNEBIN, 2007, p. 79).

Para Jacy Seixas (2001) essa memória esteve sempre presente, ao ser “evocada” causa dor:

“(…)que permanece inativa até o momento [...] em que, estimulada pelo presente, é passível de ser reativada e de emergir catalisando aquilo que não existe mais há muito tempo; fatos, experiências e emoções que, entretanto, nunca deixaram realmente estar de lá.” (SEIXAS, 2001, p. 94).

Jacy Seixas (2001) enfatiza ainda que essa memória pode ser traumática ou mesmo memória feliz, que ao ser evocada transforma-se em memórias felizes ou angustiantes, que nesse caso, causam dor e sofrimento. Para Pollak (1989) mesmo que seja difícil até mesmo impossível capturar “todas essas lembranças”, ainda sim há a necessidade de recorrer a história oral, pois somente ela poderá dar o apoio necessário para o trabalho com a narrativa. O Sr. Damo nos disse “tem muita coisa que non lembro, mas quando você pergunta, uma coisa puxa a outra” (Damo, janeiro, 2006). Para Halbwachs “A recordação de certas lembranças não depende de nossa vontade, muitas das vezes precisa ser evocada” (HALBWACHS, 2006, p. 66). Complementa Gagnebin que:

“Gostaria de mencionar em particular as observações, oriundas da psicanálise e da história, a respeito da dolorosa narração do sofrimento, passado ou presente, a que se enraíza na obscuridade do inconsciente pessoal ou, então, a que se inscreve nas trevas de uma experiência coletiva, como a Shoah” (“desastre”, “catástrofe” em hebraico). “(GAGNEBIN, 2007, p. 10)

Observamos nos relatos dos entrevistados, que procuram praticar o bem, o Sr. Damo, ajuda os semelhantes como pode "Non falo non para ninguém, para pessoa nenhuma. Parece que ajudando esvazia aquele estado de tenson que tem aqui dentro, essa mágoa que non aguento falá e choro". (chora) (DAMO, julho, 2006).

Já o Sr. José Hidasi, argumentou que precisava preservar as espécies animais no Brasil, pois aqui não havia a preocupação nesse sentido. Nota-se que tentam justificar suas boas ações, um ajudando as pessoas, outro a natureza brasileira. "Não importa, nesse caso, se autor agiu de boa ou má-fé" (...), ou seja, praticando o bem pode fazer com amenize o seu sofrimento ou seria a "culpa" de algo ruim que provocou na Guerra? "(...) até que ponto o presente colore o passado"? (POLLAK, 1989, p. 08).

Em uma guerra, são várias situações em que as pessoas passam, a morte pode estar presente a todo momento, como narra o Sr, Hidasi "Morrê todo mundo pensa ... na guerra era pió que esses muçulmanos, pega, pega faca e corta a cabeça, o mundo fica aterrorizado, lá era comum" (HIDASI, outubro, 2014). Relaciona presente e passado, quando fala dos homens do Estado Islâmico, que aterrorizou o mundo ao mostrar pessoas sendo decapitadas, ao vivo. O Sr. Damo atribui a espiritualidade o fato de ter sobrevivido, que possuía "proteção espiritual".

3 – CONCLUSÃO

Para concluirmos, encontramos algumas dificuldades ao analisar as experiências e as memórias dos

sobreviventes, trabalhando com a fonte oral, que é muito gratificante, mas ao mesmo tempo complexo, que pode apresentar lapsos, se emocionar e optar pelo silêncio, quando nesse caso, ouve o “desvio de assunto”, ou seja, o que não pode ou querem falar sobre. Ficando lacunas, que não podem ser preenchidas.

4 – ENTREVISTAS

* Bartolo Damo, 89 anos, cidade de Palmelo Goiás. 1ª entrevista 29/01/2006. 2ª entrevista 06/08/2006. Maria Aparecida Gonçalves Pereira Oliveira, áudio e vídeo digital. Residência do Sr. Damo.

* Hidasi, José, 90 anos, cidade de Goiânia Goiás. 1ª entrevista /10/2014. Maria Aparecida Gonçalves pereira Oliveira, imagens, áudio e vídeo digital. Residência José Hidasi.

* Vânia Arantes Damo, 50 anos, cidade de Palmelo GO. Professora aposentada. 1ª entrevista 29/01/2006. 2ª entrevista 06/08/2006 3ª entrevista 08/02/2010. Maria Aparecida Gonçalves Pereira Oliveira, áudio e vídeo digital. Residência do senhor Damo.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANK, R. Questões para as Fontes do Presente. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, P (org). Questões para a história do presente. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 1999.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho “. In: BRESCIANI, Stela. NAXARA, Márcia.(org). Memória e (res)

sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas – SP: Ed. Unicamp, 2001”.

HALBWACHS, M. A memória Coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas – SP. Ed. Da UNICAMP, 1992.

LEVI, Primo., Os afogados e sobreviventes. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral ser diferente. Tradução: Maria Therezinha Janine SEIXAS. Jacy Alves. “Os campos” (in) elásticos da memória: reflexão sobre a memória histórica . BRESCIANE, M. S. Magalhães, M. B. e Seixas, J. (org). Razão e paixão na política. Brasília: Ed. UNB, 2001.

SELGMANN-SILVA, Márcio. Catástrofe, história e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória. In SELGMANN-SILVA, Márcio (Org) História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas- SP.: Ed. UNICAMP, 2003.

RICOUER, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas SP: Editora Unicamp, 2007.

THOMPSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. In: Projeto História, São Paulo, nº 15, p. 51-84, abril, 1997.